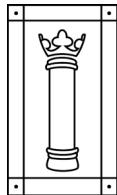


Hildo Honório do Couto

O crioulo português da Guiné-Bissau



HELMUT BUSKE VERLAG
HAMBURG

KREOLISCHE BIBLIOTHEK BAND 14

Im Digitaldruck »on demand« hergestelltes, inhaltlich mit der ursprünglichen Ausgabe identisches Exemplar. Wir bitten um Verständnis für unvermeidliche Abweichungen in der Ausstattung, die der Einzelfertigung geschuldet sind. Weitere Informationen unter: www.buske.de/bod.

Bibliographische Information der Deutschen Nationalbibliothek

Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliographie; detaillierte bibliographische Daten sind im Internet über <http://portal.dnb.de> abrufbar.
ISBN 978-3-87548-090-0

ISSN 0720-9983

© Helmut Buske Verlag GmbH, Hamburg 1994. Alle Rechte vorbehalten. Dies gilt auch für Vervielfältigungen, Übertragungen, Mikroverfilmungen und die Einspeicherung und Verarbeitung in elektronischen Systemen, soweit es nicht §§ 53 und 54 URG ausdrücklich gestatten. Gesamtherstellung: BoD, Norderstedt. Gedruckt auf alterungsbeständigem Werkdruckpapier, hergestellt aus 100% chlorfrei gebleichtem Zellstoff. Printed in Germany.

Às crianças
e
aos adolescentes
da
Guiné-Bissau,

que freqüemente desalços e mal-nutridos
até se divertiam com minhas constantes importunações
com gravador e perguntas

Vorwort

Das portugiesische Kreol von Guinea-Bissau dient heute in einem Land, das wie viele afrikanische Länder von Multilinguismus geprägt ist, als Verkehrssprache für etwa die Hälfte der knapp eine Million Einwohner, Sprecher des Ful, Balante, Mandinka, Mandyak, Pepel oder anderer westafrikanischer Sprachen. Für einen wachsenden Anteil der Bevölkerung ist es mittlerweile zur Muttersprache geworden, mit zunehmender Tendenz vor allem unter den Bewohnern der Städte. Das Sprachgebiet des *crioulo guineense* reicht im Norden über die Grenzen von Guinea-Bissau hinaus bis in die Region Casamance, die 1886 von Portugal an Frankreich abgetreten wurde und heute zum Senegal gehört. Obwohl im Kampf um die 1973 erlangte Unabhängigkeit das Kreol als Kommunikationsmittel zwischen den Anführern der Aufständischen unter dem Kapverdianer Amílcar Cabral und der guineensischen Bevölkerung eine wichtige Rolle gespielt hat und durch den Befreiungskampf auch im Landesinneren verbreitet wurde, konnte sich die junge Nation nicht zu einer "revolutionären" Sprachpolitik durchringen und setzte das Portugiesische, die Sprache der ehemaligen Kolonialherren, als offizielle Sprache ein. Von den daraus resultierenden soziolinguistischen Problemen legt das Buch von Hildo Honório do Couto beredtes Zeugnis ab.

Der Verfasser ist Linguist an der Universidade de Brasília und hat sich in der Kreolistik u.a. als Herausgeber der seit 1990 erscheinenden Zeitschrift *Papia – Revista de Crioulos de Base Ibérica* einen Namen gemacht. Er präsentiert mit der hier publizierten Studie eine umfassende und aktuelle Beschreibung des Kreols von Guinea-Bissau, dem er bereits eine Reihe von kürzeren Arbeiten zu Einzelaspekten gewidmet hat. Seine Darstellung beruht auf umfangreichen Recherchēn zur Geschichte des Kreols von Guinea-Bissau, das mit demjenigen der Kapverden eng verwandt ist, und in ihrem empirischen Teil auf ausgedehnter eigener Feldforschung in den Jahren 1988 und 1990. Das Buch gliedert sich in vier Teile: es beginnt mit einem Überblick über die Geschichte der Kolonialisierung und der Entstehung des Kreols, gibt dann eine detaillierte Beschreibung der heutigen soziolinguistischen Situation, einen Abriß der Grammatik (Phonologie, Morphologie und Syntax), der den Hauptteil der Arbeit ausmacht, sowie als Anhang eine Auswahl von kreolischen Texten mit portugiesischer Übersetzung.

In der Kreolischen Bibliothek wurden bisher nur Arbeiten zu den Frankokreolsprachen veröffentlicht, eine solche Beschränkung war jedoch nie beabsichtigt. Ich freue mich daher, mit der Studie von Hildo do Couto nunmehr auch eine Arbeit zum Lusokreolischen vorlegen zu können, das seit einigen Jahren, beispielsweise mit einem zur Zeit unter Leitung von Jürgen Lang an der Universität Erlangen durchgeführten Forschungsprojekt zum kapverdischen Kreol, verstärkt ins Blickfeld der Romanistik gerückt ist.

SUMÁRIO

Introdução	9
1 Visão histórica	13
1.1 As grandes navegações: Descobrimento e exploração da costa ocidental africana	13
1.2 Lançados e grumetes	17
1.3 Relações com Cabo Verde	25
1.4 Peculiaridades da crioulização do português na costa ocidental africana	28
1.5 Registros históricos sobre o crioulo	34
1.5.1 Precursors	34
1.5.2 Pioneiros	37
1.5.3 Estudos Científicos	40
1.6 Sobre a origem da palavra "Guiné"	42
2 Situação lingüística	45
2.1 Variação Diacrônica	47
2.2 Variação Diatópica	49
2.3 Variação Diastrática	51
2.4 O papel do crioulo na unidade nacional	57
2.4.1 Antes da independência	57
2.4.2 Durante as Guerras de Libertação	59
2.4.3 Após a independência	60
2.5 A questão do ensino	62
2.6 Que crioulo descrever	65
3 Esboço gramatical	67
3.1 Fonologia	67
3.1.1 Consoantes	68
3.1.2 Vogais	73
3.1.3 Sílaba	75
3.1.4 Supra-segmentais	76
3.1.5 A grafia do crioulo	80
3.2 Morfologia	83
3.2.1 Composição	83
3.2.2 Derivação	84
3.2.3 Flexão	88

3.2.4 Morfemas isolantes	89
3.2.4.1 Pessoas do discurso	90
3.2.4.2 Verbos	91
3.2.4.3 Conetivos	94
3.2.4.4 Morfemas interrogativos e negativos	95
3.2.4.5 Dêiticos e artigos	97
3.2.4.6 Numerais	99
3.2.4.7 Intensificadores e quantificadores	100
3.2.4.8 Partículas exclusivas	102
3.3 Sintaxe	104
3.3.1 A sentença simples e seus componentes	104
3.3.2 Combinação de sentenças	113
3.4 Léxico-semântica	118
3.4.1 Semântica	118
3.4.2 Léxico	125
4 Textos	129
4.1 Stórias (contos, fábulas)	130
4.2 Dibiñas	139
4.3 Ditüs	140
4.4 Noticiário de rádio e televisão	141
4.5 Textos Bíblicos	146
5 Bibliografia	147

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar um conspecto geral do crioulo português da Guiné-Bissau. Apesar de já existirem hoje em dia algumas obras dessa natureza, nenhuma delas serve como fonte de referência básica e geral. Com efeito, a primeira delas, ou seja, BARROS (1897/1899, 1900/1901, 1902) é, como salienta em 1.5.2, muito assistemática e pouco confiável, sobretudo devido ao lusocentrismo do autor. BULL (1989), por seu turno, trata só da parte histórica e sócio-cultural do crioulo, não entrando no estudo das estruturas gramaticais da língua. A única exceção são as páginas 75-78, onde o autor toca de leve na fonologia crioula. De resto, seu trabalho é muito parecido com o anterior. Os outros ensaios são mais especializados, como WILSON (1962), SCANTAMBURLO (1981), DONEUX/ ROUGÉ (1988) ou, então, meramente exploratórios como CHATAIGNER (1963). Enfim, uma fonte de referência global sobre o crioulo guineense ainda não existe no mercado (até início de 1991).

Diante do exposto, dividi o livro em quatro partes principais, quais sejam: Visão Histórica (1.0-1.6), Situação Lingüística (2.0-2.6), Esboço Gramatical (3.0-3.4.2) e Textos (4.0-4.5), além de extensa bibliografia (5). Cada uma delas consta de diversos capítulos. Em síntese, procuro mostrar o contexto sócio-histórico em que o crioulo surgiu, a sua significação atual na região da Guiné-Bissau e arredores, um apanhado geral de suas estruturas gramaticais – inclusive entrando em algumas áreas até agora inexploradas como a questão do tom –, terminando com a transcrição de alguns textos representativos das diversas variedades de crioulo com que os guineenses lidam.

Na parte especificamente gramatical, o objetivo não foi, como afirmo reiteradas vezes no local apropriado, testar teorias. Pelo contrário, meu objetivo foi resenhar as principais questões da estrutura do crioulo a fim de trazer alguma achega no sentido de codificar a língua. O alvo principal é, portanto, o próprio povo da Guiné-Bissau e da Casamansa. Com isso o livro é também de utilidade para os lingüistas uma vez que nele podem encontrar muitos dados e interpretações dos fatos gramaticais do crioulo que poderão ser aprofundados teoricamente, como já começou a fazer KIHM (1986, 1990). Assim sendo, chamo a atenção dos crioulistas especialmente para a questão da serialização verbal. Contrariamente ao que se tem afirmado até hoje (JANSEN/ KOOPMAN/ MUYSKEN 1978), demonstro que ela ainda subsiste no crioulo guineense (3.3.1) muito além do que sugere o próprio KIHM (1990).

Se o objetivo era enfatizar a língua em vez da teoria, havia uma grande dificuldade quanto a que modelo seguir na descrição das estruturas gramaticais. Como não há modelo teórico a ser seguido, optei por simplesmente expor os fatos o mais exaustivamente possível, com o máximo de fidelidade

aos dados da língua. Assim, todas as construções citadas para ilustrar determinado fenômeno foram efetivamente proferidas por falantes nativos do crioulo. Quando eu fabriquei uma ou outra construção, chequei-a com meus informantes que estudam na Universidade de Brasília.

A respeito dos dados sobre os quais me baseei para este estudo, resultaram de quase 40 fitas "Cassette" gravadas *in loco*, mais especificamente em Bafatá, Cachéu e sobretudo em Bissau. Eles foram colhidos durante duas estadas na Guiné-Bissau, em março-abril 1988 e setembro-outubro 1990. Além disso tive ajudantes no país que me acompanhavam diariamente, ensinando-me a língua, fazendo gravações com outros informantes e respondendo às minhas constantes perguntas e dúvidas. Recolhi no país, e fora dele, tudo que dizia respeito ao crioulo, pelo menos tudo que chegou ao meu conhecimento. Além disso, eu estava sempre com meu caderno na mão. Sempre que ouvia alguma expressão interessante na rua eu a anotava na hora. Algumas delas integram os diversos exemplos que se encontram no corpo do trabalho. São exemplares da língua *in natura* por assim dizer. Usei também as coletâneas existentes (cf. 4.0).

No início do livro o leitor notará que não há uma sistematização quanto à notação ortográfica. Isso só ocorrerá quando chegar à seção 3.1.5 em que discuto a grafia do crioulo, inclusive reproduzindo a "Proposta para Uniformização da Escrita do Crioulo", do Ministério da Educação, Cultura e Desporto. Essas são o que existe de oficialmente estabelecido para a grafização do crioulo. Quando transcrevo textos de outros autores, respeito sua ortografia, por mais lusocêntrica que ela seja, como é o caso de "Lobo co garça", de Marcelino Marques de Barros. Por outras palavras, os meus textos são transcritos segundo as normas oficiais vigentes no país, que são muito próximas de uma transcrição fonológica. Só lhe faço algumas pequenas modificações como o uso de *n* por /ɲ/, em vez do *N* e do *ñ* dessas normas. Na transcrição dos textos das antologias já publicadas — MONTENEGRO/MORAIS (1979), PEREIRA/SANTOS (1988, 1989) e *N sta li, N sta la* —, procuro reproduzir a grafia original. Só não o faço quando ela desvia muito das normas supra-mencionadas.

Todos os textos da seção 4.0 estão seguidos de tradução. Só não foram traduzidos os excertos bíblicos. Com efeito, o assunto por eles tratado é sobejamente conhecido, não dependendo de tradução para ser localizado em qualquer edição do Novo Testamento. É só procurar Marcos 2:3 (Ome di mon seco / Jesus kura omi ku si mon muri).

Por fim, gostaria de deixar consignado o meu agradecimento a algumas pessoas e entidades que me ajudaram e/ou incentivaram nas diversas etapas da investigação de que o presente livro é um resultado. Em primeiro lugar lembro a professora doutora Annegret Bollée, cujo entusiasmo pelos crioulos me contagiou durante um *Hauptseminar* sobre línguas crioulas na Universität zu Köln em 1978. Foi ela que chamou minha atenção para esse mundo maravilhoso que são as línguas crioulas. Em segundo lugar, devo reconhecer que foi o convívio com meu aluno guineense Armando Sanca — que freqüentou alguns de meus cursos de lingüística na Universidade de Brasília — que me estimulou a ir à Guiné-Bissau pela primeira vez. Com isso passei a me dedi-

car em tempo integral à crioulística. Tanto que hoje estou coordenando a publicação de *Papia – Revista de Crioulos de Base Ibérica*, publicada desde 1990.

Um agradecimento especial é devido também ao dinâmico diretor do Centro de Estudos Brasileiros de Bissau, Arnaldo Lima, sem cuja entusiástica e desinteressada colaboração muita coisa que hoje integra o presente livro não teria chegado ao meu conhecimento. O agradecimento é extensivo à sua bela esposa Elisa. Agradeço também ao jornalista, escritor e poeta guineense Jorge Ampa, ao meu primeiro ajudante na Guiné-Bissau Domingos Manuel Lima, ao pequeno empresário guineense Faustino Valdês, ao meu ex-colaborador que estuda em Brasília Alberto Silva e ao atual Francisco José Pinto de Pina.

Consigno também um agradecimento à Embaixada do Brasil em Bissau, que me deu total apoio logístico durante minhas duas estadas na Guiné-Bissau. Agradecimento vai também para a Transbrasil, companhia aérea brasileira que me agraciou com o trecho brasileiro da segunda viagem à África. Last but not least, registro aqui com gratidão a boa vontade em me ajudar manifestada pelas Missões Católicas da Guiné-Bissau, na pessoa de pe. Francisco Macedo, pe. José Marques Henriques, pe. Dionísio Ferraro e, especialmente, irmã Lourdes (a Lourdinha). À Missão Evangélica eu agradeço através de Isabel Arthur.

- MUFWENE, Salikoko. 1989. "La créolisation en bantou: les cas du kituba, du lingala urbain et du swahili du Shaba". *Études Créoles* XII, 1, p. 74-106.
- NARO, A.J. 1978. "A study on the origins of pidginization". *Language* 54. 2, p. 314-347.
- N sta li, N sta la*. Bolama: Cooperativa Domingos Badinca, 1979.
- OLIVEIRA, Fernão de. 1933. *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. Lisboa: Ed. José Fernandes Jr. (1.^a ed. 1536).
- PEREIRA, A. & SANTOS, P. (orgs.). 1988. *Lubu ku Lebri ku Mortu i Utrus Storias di Guiné-Bissau*. Bissau: Editora Nimba, vol. I.
- 1989. *Lubu ku Lebri ku Mortu i Utrus Storias di Guiné-Bissau*. Bissau: Editora Nimba, vol. II.
- PORTUENSE, V. 1694. "Relação da primeira viagem do bispo D. Frei Vitoriano Portuense à Guiné". In: MOTA, A.T. 1974, p. 67-77.
- 1696. "Relação do baptismo de D. Pedro, Rei de Bissau, e do começo da segunda viagem à Guiné do bispo D. Fr. Vitoriano Portuense". *Ibidem*, p. 97-109.
- POTTIER, Bernard. 1968. *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*. Madrid: Editorial Gredos.
- 1969. *Grammaire de l'Espagnol*. Paris: PUF (Coll. "Que sais-je?").
- & AUDUBERT, A. & PAIS, C.T. 1975. *Estruturas Lingüísticas do Português*. São Paulo: DIFEL, 3.^a ed.
- PRESTAGE, E. 1943. *Descobrimentos Portugueses*. Porto: Edições Gama, 2.^a ed. (Original: *The Portuguese Pioneers*. London: A.C. Black, 1933).
- QUADÉ, Pedro. 1990. "O crioulo nas escolas". *Nô Pintcha* 17/2/1990.
- RIBEIRO, Carlos. 1989. "A historicidade da construção nacional na Guiné-Bissau". In: COLOQUIO, p. 219-242.
- ROUGÉ, Jean-Louis. 1986. "Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau". *Soronda* 2, p. 28-49.
- 1988. *Petit Dictionnaire Étymologique du Criol*. Bissau: INEP.
- SANTOS, Manuel. 1989. "Guiné-Bissau: a formação da nação". In: COLOQUIO, p. 190-197.
- SAPIR, Edward. 1985. "Language and environment". *Selected Writings*. Berkeley: University of California Press.
- SCANTAMBURLO, Luigi. 1981. *Gramática e Dicionário da Língua Criol da Guiné-Bissau (GCr)*. Bologna: Editrice Missionaria Italiana.
- SHEPERD, Suzan. 1984. "Multiple functions and ambiguity: the use of repetition in creole narratives". 3. *Interdisziplinäre Karibik-Tagung*. Berlin: LAI, 9-11/11/84.
- SILVA, Baltazar Lopes da. 1957. *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.
- SILVA, Maria da Graça Garcia Nolasco da. 1970. "Subsídios para o estudo 'lançados' na Guiné". *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, vol. 25, nº 97 (p. 25-40), nº 98 (p. 217-232), nº 99 (p. 397-420), nº 100 (p. 513-560).
- STAMPE, David. 1973. *A Dissertation on Natural Phonology*. The University of Chicago Ph.D. Dissertation.
- STEIN, Peter. 1984. *Kreolisch und Französisch*. Tübingen: Niemeyer.

- STOLZ, Thomas. 1986. "INFL im Kriol: Morphosyntaktische Probleme im Verbalbereich". In: BORETZKY, N./ ENNINGER, W./ STOLZ, T. (Hrsg.). *Beiträge zum Essener Kolloquium über Kreolsprachen und Sprachkontakte*. Bochum: Brockmeyer.
- 1989. "Kriol und sein Substrat: Evidenz aus dem TMA-System". In: PERL, M. (Hrsg.). *Beiträge zur Afrolusitanistik und Kreolistik*. Bochum: Brockmeyer.
- SWADESH, Morris. 1972. "The origin of vocabulary". *The Origin and Diversification of Language*. London: Routledge & Kegan Paul.
- TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tania. 1987. *Falares Crioulos. Línguas em Contato*. São Paulo: Editora Ática.
- TEYSSIER, Paul. 1987. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 3.ª ed. (original: *Histoire de la Langue Portugaise*. Paris: PUF, Coll. "Que sais-je?").
- TSUZAKI, Stanley. 1971. "Coexistent systems in language variation: The case of Hawaiian English". In: HYMES, D. (ed.), p. 327-339.
- VASCONCELOS, J. Leite de. 1901. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Thèse pour le Doctorat de l'Université de Paris (2.ª ed. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970).
- WALTER, Jaime. 1947. *Honório Pereira Barreto*. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, nº 5.
- WILLIAMS, Jeff. 1988. Women and kinship in creole genesis. *Intern. Journ. Soc. Lang.* 71, p. 81-89.
- WILSON, W.A.A. 1959. "Uma volta lingüística na Guiné". *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* XIV, 56, p. 569-601.
- 1962. *The Crioulo of Guiné*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- ZURARA, Gomes Eanes de. 1948. *Crónica dos Feitos da Guiné*. Lisboa: Agência Geral das Colónias (1.ª ed. aprociamdamente 1455).